

A DIVINA QUIMERA

Eduardo Guimaraens

Obra digitalizada por: Marco Antonio Rodrigues

Colaboração Voluntária

Amor mi mosse che mi fa parlare.

Dante

Quelque chose d'ardent et de triste,
quelque chose d'un peu vague. . .

Baudelaire

PRELÚDIO

Psiche, my soul.

Edgar Poe

Das rosas do jardim a virginal tristeza
por que, por esta noite azul de outono frio,
vem embalar-te a doce e mística pureza
que reflete, a um fulgor de estrelas erradio,
das rosas do jardim a virginal tristeza?

Um desejo augural, sob o candor do linho
que do teu corpo aviva a palidez, palpita.
Perfumaram-te a carne os lírios do caminho. . .
Vela-a, agora, através do meu amor, Perdita,
um desejo augural, sob o candor do linho.

Tal num sonho de amor que se dilui sereno,
esqueceste a carícia rósea do sorriso;
e a tua boca sente o acre sabor terreno
de uma desilusão no destino indeciso,
tal num sonho de amor que se dilui sereno.

Vista-te o sono de dolência o odor das rosas
que espreitam do jardim, maravilhadamente,
do teu secreto sonho as horas misteriosas!
Olvidaste, afinal, o teu delírio ardente?
Vista-te o sono de dolência o odor das rosas!

Dize-me se a tua alma adormeceu sorrindo
ou se, cheia de amor, insone, se recorda
das rosas por abrir de um sonho antigo e lindo,
destas rosas febris, da sombra eterna à borda?
Dize-me se a tua alma adormeceu sorrindo!

Serás como uma vaga aparição de outrora,
como a madona singular de um Primitivo.
(Possa o teu sono ser a noite sem aurora!)
Por um mês de Maria, ao meu desejo esquivo,
serás como uma vaga aparição de outrora.

Que doce o teu palor! Que estranha a tua face!
Nimba-te a fronte um halo, um resplendor, brilhando.
Por que entreabres o olhar à alva do sol que nasce?
Vais unir, sob a luz, as tuas mãos, orando?
Que doce o teu palor! Que estranha a tua face!

Não despertes, porém, ainda que surja o dia!
Dorme perpetuamente o sono teu sem termo,
ó forma de vitral, Musa e Melancolia,
que és a quimera de um espírito enfermo!
Não despertes, porém, ainda que surja o dia!

– Das vozes deste amor a musical tristeza
por que, por esta noite azul de outono frio,
vem embalar, da sombra, a tua morbidez
que ouve e sofre, a um clarão de estrelas erradio,
das vozes deste amor a musical tristeza?

PARTE I

1

Se a vida é bela, ardente e forte,
febre e delírio, ânsia e paixão,
por que, sem causa, adoro a morte
e, um grito de lábio, espero em vão?

Um grito ao lábio soluçante
da alma que, em vão, por ti sofreu,
da alma que sofre e, palpitante,
sonha, ajoelhada, ao lado teu. . .

Que, ainda hoje, sofre à luz perdida
de um Éden lúgubre de dor
onde, entre as mãos do anjo da vida,
como uma espada, fulge o amor!

E de onde sou, talvez, o expulso
que do seu exílio mortal
levanta as mãos, hirto e convulso,
para a tua alma virginal,

para a tua alma onde sentiste
que o amor, sorrindo, enfim, desceu,
e que o meu sonho doce e triste
foi o esplendor que Deus te deu.

2

Doçura de estar só quando a alma torce as mãos!
– Oh! doçura que tu, silêncio, unicamente
sabes dar a quem sonha e sofre em ser o Ausente,
ao lento perpassar destes instantes vãos!

Doçura de estar só quando alguém pensa em nós!
De amor e de evocar, pelo esplendor secreto
e pálido de uma hora em que ao seu lábio inquieto
floresce, como um lírio estranho, a Sua voz!

Doçura de estar só quando finda o festim!
(E a saudade, acordando as vozes que calaram!
E os candelabros que, olvidados, se apagaram!
E os lustres de cristal! E as teclas de marfim!)

Doçura de estar só, calado e sem ninguém!
Dolência de um murmúrio em flor que a sombra exala,
sob o fulgor da noite aureolada de opala
que uma urna de astros de ouro ao seio azul sustém!

Doçura de estar só! Silêncio e solidão!
Ó fantasma que vens do sonho e do abandono,
dá-me que eu durma ao pé de ti do mesmo sono!
Fecha entre as tuas mãos as minhas mãos de irmão!

3

Às vezes, quando vou por altas horas, quando
fujo através da noite, a este amor que reveste
de um ténue véu de névoa a face do meu sonho,
de lábios infantis que, uma e outra vez, murmuram
uma queixa, como a de alguém que se maltrata,
um murmúrio, afinal, que só tu poderias
compreender, fico a olhar os jardins solitários
que ornam a calma azul por onde vou passando.

E às vezes, paro e sonho à frente de um cipreste;
outras, invejo o ardor de um canteiro tristonho
de alvos lírios claustrais que aromam e fulguram,
como fantásticos turíbulos de prata.
Outras, quando anda a lua entre as ruas sombrias
e as flores tomam o ar de votos funerários,
cada aléia é como um regato cintilando,
onde uma Ofélia, de alva e imponderável veste,
loira e fria, tombou, morta de amor e sonho.

Junto às grades hostis que os jardins enclausuram
e que, ao fulgor da luz, são de ouro, bronze ou prata,
descanso, muita vez, as mãos longas e frias.
E enquanto a lua evoca extáticos cenários
de paisagens do pólo e torna em verde brando
todo o azul que lhe nimba a tristeza celeste,
das grades através, como através de um sonho
de prisioneiro, a cujo olhar se transfiguram
as visões do exterior, tenho a visão exata
da noite que convida às grandes nostalgias.

Eu sou o doce irmão dos jardins solitários,
que lhes conhece a dor, que os vê da sombra, olhando
pelo ermo e triste e verde olhar de algum cipreste. . .

Uns são feitos de tudo, enfim, que há no meu sonho.
E é por isso, talvez, que ora ardem e fulguram,
ora são tristes como esses vitrais de prata
onde Cristo ergue a Deus as mãos longas e frias.
Eu sou o doce irmão dos jardins solitários,
desses jardins que exalto, amo e celebro, quando
por horas mortas vou, do amor que me reveste
de amargura, fugindo, ao longo do meu sonho.

E, ao longo do meu sonho, os jardins se enclausuram
de lágrimas! (Ah! sobre essas grades de prata
quando virás pousar as mãos longas e frias?
Quando abrirás, sorrindo, os jardins solitários,
tu que hás de amar-me um dia e que eu espero? Quando?)

4

De onde vieste, afinal? De que imortal paisagem
fugiu, um dia, a forma em flor da tua imagem

fragílima, de um doce encanto doloroso,
de um divino palor ardente e luminoso,

como feita à feição de alguma estampa antiga,
de um missal de outro tempo, onde a insone fadiga

de algum monge sofreu? De onde vens? De algum sonho
místico? Do fulgor magnífico e tristonho

de um Éden sideral de que ainda tens a idéia?
Ou do mistério azul das noites da Iduméia?

5

Quando, longe de ti, do teu encanto
longe e exilado, sob a noite fria,
cismo que o olhar possa velar-te a mágoa
ou que possas, de súbito enfermando,
sofrer ou reviver alguma pena
longe de mim, do meu amor ausente,
nem imaginas que infantil tortura
basta a pungir-me, que mortal saudade
traz, sob o vago esplendor da noite,
para junto de mim a tua imagem
pálida. E, grande e luminoso e doce,

lembro, primeiro, o teu olhar esquivo
que tem da noite o singular mistério
e que procuro, ansioso, como o nauta
perdido um astro, sobre o velho esquite
inútil, sossobrando. Olhos do sonho
de um aladino que trocou a sua
maravilhosa lâmpada por essa
luz que de estranho brilho os diviniza!
E de beleza! E de beleza eterna!

E as tuas mãos, após. Como do fundo
sombrio de um altar, iluminado
pelo fulgor litúrgico da pompa
católica, surgindo, sem um gesto,
lembro-as assim, magníficas, é certo,
mas pálidas. . .

Ó doloroso Dante,
quero o marfim da tua "Vita Nuova"
ou dos tercetos do teu "Paradiso"
feitos, como os missais da Idade Média,
com pedras raras sobre o pergaminho,
para encerrar a musical magia
das Suas mãos! Como a invejá-la, enquanto
pela severa solidão do claustro
morrem os lírios, sob a etérea calma
do crepúsculo, queda-se amorosa
e pensativa, da sua harpa de ouro
e prata as cordas olvidando, Santa
Cecília!

Lembro, após, a tua boca
maravilhosa, a tua boca sempre
pura e feita da rosa de um sorriso
divino! Pudesse eu, por sortilégio,
ouvir se entre os seus lábios, o meu nome
floresce, à hora em que o sono, segredando,
sob o mole acalanto do teu leito,
fala de mim e do meu beijo inútil
e da minha saudade e do meu vago
desejo ao coração que em vão espero,
mas que sinto bater e dar o ritmo,
junto de mim, a cada verso deste
noturno em vão que, apenas o silêncio
ouve, que a noite unicamente entende,
que o amor somente sabe! E tu com ele.

6

Pela noite azulada e fria há uma longa tristeza de espera
e os jardins sonham o seu primeiro sonho de primavera.

Que estranho aroma anda esperso, unido a um canto de saltério,
como de uma soberba rosa feita de sonho e de mistério?

Ouves? Há longos espasmos pelas alcovas da sombra,
pelas alcovas imensas e cheias de silêncio e de sombra. . .

Dir-se-ia que ondulam monjas, ao longo de claustros cobertos
de grandes lírios abertos, brancos e tristes, abertos. . .

Demora ainda a lua; mas já por trás dos bosques parece
que há uma festa nupcial, um véu branco que resplandece,

como se a terra fora uma noiva pálida e nua
que recebesse o seu véu de noiva das mãos brancas da lua.

Vaga por tudo como uma grande, langue saudade da primavera!

– Sou como alguém que sonha, sofre, recorda e espera.

E sente a esta hora em que a noite é como a sombra de um grande adejo.
que a tua alma, soluçante, adormece entre os braços do meu Desejo!

7

Insones de alma! Em vão! É tudo insônia, tudo!
Não foi o que passou uma insônia suprema,
um pesadelo em claro? E o que há de vir a extrema
vigília de algum sonho alegre em que me iludo?

E a febre ardendo, coração? E o lábio mudo?
Que te importa, porém, o bronze que me algema?
Farei do meu delírio o teu mais belo estema!
Da minha dor farei um leito de veludo:

e dormirás! Dormir? Que vale o sono! Foi-te
uma insônia sinistra e lúgubre o passado. . .
Olha: a sombra consola a mágoa do que existe!

E, ao fundo do teu mal que a noite fez mais triste
hora estranha de angústia e de amor olvidado,
ouve a recordação, como uma meia-noite!

8

Sobre a tristeza do passado,
que estranha sombra vai descer?
- Lírio entre os lábios do Prazer,
murcha o desejo abandonado

Sofro, sem gestos, a teu lado,
Olho-te: e vejo-te sofrer. . .
sobre a tristeza do passado,
que estranha sombra vai descer?

– Fosse do olvido o cortinado
que nem o amor pudesse erguer!
(Oh, para sempre adormecer
de um grande sono fatigado
sobre a tristeza do passado!)

9

Vai pela paisagem, languidamente,
como um desconsolo de outono frio;
ou como um sinistro, longo arrepio
que vem do horizonte de um céu dormente.
(Que farás a esta hora?) Do caminheiro
mal a sombra surge. Que paz absorta!
Vive em torno, apenas, verde, um salgueiro
refletido ao fundo de uma água morta.
Sobre um leito de ouro, fosco e sombrio,
morre o sol, sangrento. Noite dolente!
Vai pela paisagem, languidamente,
como um desconsolo de outono frio,
como um ritmo lento de um derradeiro,
solitário acorde que o ar entrecorta,
como o choro verde desse salgueiro
refletido ao fundo dessa água morta.

10

Dói-me a recordação de ti, como de um sonho.

Sob a ardente mudez do meu olhar tristonho,
passaste há pouco ao pé de mim, indiferente.
Seguiu-te o meu amor, ao longe, ocultamente.

Oh, a incrível tristeza, a tortura sem causa,
por uma dúvida indizível, incerteza
inexprimível como, à noite, a morbidez
que torna a minha voz como um longo lamento
doloroso! Tortura e sombra! Grave e lento,
como sobre o teclado abafado e soturno
de um órgão, sobre um piano agoniza um noturno.
Há depois um silêncio. Um vago acorde. E agora
uma voz, que rediz a mágoa que a adolora,
sobre através da noite e conta à noite o encanto
de amor e de sofrer, que une a beleza ao pranto. . .
Noites de amor e de saudade! Solitário,
sonho. Não fora a sombra um órgão funerário
que as tuas mãos, onde soluça a alma de um lírio,
fazem sofrer também, ao lúcido delírio
desta noite de agosto invernal e tristonho?

Dói-me a recordação de ti como de um sonho!

11

Vozes, mas de outro amor, de outro sonho radioso,
de outro tempo que foi um futuro esperado,
um porvir que passou, o desejo amoroso
de um futuro que hoje é, como tudo, um passado!
Vozes, mas de outra idade em que se canta e ajoelha,
de quando, em torno a nós, tudo tem só quinze anos;
vozes de idílio triste e de melancolia,
sem acordes febris de uma música vermelha;
vozes, como o cair da noite azul e fria
que ao seio adormeceu o mal dos desenganos:
um réquiem de saudade à agonia da vicia!
Vozes, mas de outro amor, de outro sonho fanado,
vozes, como a canção de outono do passado
que diz, sobre a minha alma, o teu lábio adorado;
vozes de uma luxúria estranha e dolorida
que ainda falam do amor, do sonho e do passado!
Vozes que lembram o esplendor das horas mortas!
Vozes que falam de uma dor hoje esquecida. . .

Vozes que falam como tombam folhas mortas!

12

Nada quero lembrar. Que, à tua espádua, o olvido
seja um manto de sombra! É sombra o que passou.
Dir-se-ia que entre nós há um anjo adormecido.
Não evoquemos hoje o engano que acabou!

Por que há de, enfim, o luto inútil do lamento
marejar, ainda agora, o olhar que não sorriu?
Se era uma sombra a voz que se desfez ao vento!
Se era apenas um riso o lábio que se abriu!

Não lembrarei, portanto, o meu ardor tristonho!
Nem as noites de insônia em que a ilusão morreu!
Nem o meu sonho em flor que foi, sob o teu sonho,
como a flor que murchou e que ninguém colheu!

13

Olvidade tortura, hora esquecida, encanto
passado! Não verás, jamais, a flor do pranto
nascer da terra morta onde a ilusão murchou:

terás um dia à boca um amargor tristonho,
oratória de amor pela Paixão de um sonho
que anunciou um sorriso e outro crucificou!

Quem sabe? Um dia, a insônia eterna do passado
fará velar a dor do teu olvido ao lado
da agonia febril do meu beijo nupcial ...

Tu serás para mim uma alma sempre acesa:
fui talvez, ao teu lábio, apenas a tristeza
de um verso obscuro, lido a uma hora passional.

Hás de lembrar-me um dia, altiva e triste, à sombra
de uma saudade, sobre a dolorosa alfombra
que de estranho silêncio aroma o teu jardim . . .

Desce a noite. - Imagino o teu longo abandono!
Desce a noite e, com ela, um desejo de sono. . .
Tu saberás então por que te amei assim.

14

Ah, não dirás, por certo,
que não te amei, que não sofri!
Foi-me a tua alma assim como um salão deserto
onde uma noite, me perdi,

Sobre o escuro tapete uma rosa morria
que deixara cair, sem pena a tua mão.
Das cortinas, purpúrea, a sombra estremece. . .
Havia em cada espelho uma recordação.

– E era o meu coração ardente e dolorido,
sob a dor infantil que o emudecera já,
um velho piano adormecido
que ninguém mais acordará!

15

Sofrer! Sofrer, e após? Sofre-se como se ama.
Como se ama, talvez, mas de um amor silente,
feito da solidão de um sonho vago e ardente.
Como se ama um passado obscuro. Como se ama
uma velha gavota. Um verso. Como se ama
uma recordação, o perfume aspirado
de um lenço que agitou o adeus do gesto amado. . .
Como se ama o torpor de uma noite de estio!

Lembra-te! Cerra o olhar: um aroma, o passado:
aspira-o! Sofrerás, mas como se, ainda amando
outra vez e, outra vez, sobre o seu lábio frio
chorando o mesmo verso inesquecido e triste
que outro lábio guardou, mas sofrendo e sonhando,
revivesse o exaspero, a tortura suprema.

do que foi, dessa imensa e indizível tristeza
de tudo que passou, de tudo que resume
uma hora musical de sonho e de beleza;
de tudo que existiu e que, ainda agora, existe
por toda a essência antiga e vaga deste poema
que é também como um lenço, um adeus e um perfume!

16

Um dia, alguém, uma ilusão que eu mal sofria,
levou-me para o longe, abriu-me o vago, o mar.
Era por um dezembro azul de nostalgia,
um dezembro de névoa e sinos a dobrar.
Lembra-a o meu sonho, agora. A essa hora de agonia,
que dizia ao destino a voz da minha dor?
Tudo ao redor de mim, era um adeus, partia...
Só não partia da minha alma o meu amor!

Só não partia da minha alma o que a pungia.
Vinha a noite. E o passado era um lenço a acenar,
um lenço branco que, longínquo, estremecia,
um lenço ao longe que ainda via o meu olhar!
Sentia bem que a minha dor não esquecia,
que a distância, afinal, era um vago palor!
E, à hora em que a noite azul sobre as águas descia,
ah, quanta vez ouviu falar-te o meu amor!

Quanta vez escutei a voz que te dizia
o desespero vão que não pôde olvidar!
Soube-o a noite que vinha, a bruma, a linha fria
do horizonte que a luz da aurora ia beijar!
Soube-o a vida, a saudade, a morte que sorria!
Não o soube, somente, o teu desejo em flor. . .
– Ou sabias, talvez, que eu voltaria um dia
e que, comigo, voltaria o meu amor?

17

Voltei. Vi-te de novo. E o encanto, a que não tento
fugir agora, aviva o que findara aqui;
dói-me, outra vez, o mesmo estranho sofrimento
da hora em que te deixei, do instante em que parti.

Quis esquecer-te. Olhando o mar, ouvindo o vento,
sonhei. Vivi com ânsia! Em vão. Não te esqueci.
E é com tédio que lembro o túrgido lamento
das ondas que sulquei e das canções que ouvi!

De que valeu, então? Sob o amplo firmamento,
fora melhor vagar sem rumo, ao ritmo lento
da água que, à noite, geme e, à luz do sol, sorri!

E olvidar para sempre o antigo desalento!
E este anseio de enfermo! E este letal tormento!
E o desejo da morte! E a saudade de ti!

PARTE 2

1

Dante

Pelo divino horror de um desespero eterno
e pelo ardor febril a que a alma nos conduz,
florindo para o azul, irrompendo do inferno,
Dante evoca um abismo onde há lírios de luz.

Cada verso revela um fundo imenso de erma
tristeza em que uma voz alucinada clama:
e ora, inútil, recorda a asa de uma águia enferma,
ora a ascensão brutal de uma língua de chama.

Dá-me, agora, o terror de uma visão que assombra.
Torvo, Ugolino sofre a sua fome atroz;
tem Virgílio a expressão sagrada de uma Sombra;
uiva um blasfemo! E a selva é lúgubre e feroz.

Lembra, após, o esplendor pesadelar de um sonho
magnífico e sangrento, em que anjos maus esvoaçam,
quando por mim, à flor do turbilhão tristonho,
enlaçados e nus, Paolo e Francesca passam. . .

Dante! - Quero-o, porém, mais doloroso e terno,
mais humano, a compor, torturado e feliz,
sob a angústia mortal do seu secreto inferno,
uma canção de amor em louvor de Beatriz!

2

Chopin: Prelúdio N° 4

Do fundo do salão vem-me o seu pranto sobre-humano,
como do fundo irreal de um desespero hoje olvidado:
dir-se-ia que estes sons têm um tom de ouro avioletado;
há um anjo a desfolhar lírios de sombra sobre o piano.

Doce prelúdio! Que ermo e doloroso desengano
fala, através do seu vago perfume de passado?
Sobre Chopin a noite abre o amplo manto constelado:
um delírio de amor anda por tudo, insone, insano!

Em cada nota solta há como um lânguido lamento.
– Oh, a doçura de sentir que o teu olhar, perdido,
sonha, recorda e sofre, ao doce ritmo vago e lento!

E o silêncio! E a paixão que abre em adeus as mãos absortas!
E o passado que volta e traz consigo, esquecido,
um aroma secreto e vago e doce, a flores mortas!

3

Túmulo de Baudelaire

Um anjo, que possui uma espada de chama,
hírtio e pálido, à frente um halo virginal,
guarda o Túmulo, junto ao mármore imortal,
a que o Poeta desceu; cego de luz e lama.

Outro, que às mãos desfralda o ardor de uma auriflama,
olha, cismando, o azul profundo como o mal;
e Lúcifer, enfim, magnífico e fatal,
tem à boca a revolta em que a blasfêmia clama.

Entre a aridez da terra e a solidão noturna,
fundo abismo, do espaço ao lúgubre esplendor,
fendem-se do Desejo as largas fauces de urna.

E as Danaides, de aspecto envelhecido e eterno,
tentam encher em vão esse tonel de horror!
Ora, lá dentro, o Céu! Uiva, lá dentro, o Inferno!

4

A Stéphane Mallarmé

De que lábio fatal, de anjo ou demônio, vinha
essa harmonia estranha, esplêndida e secreta,
que a tua voz ardente e solitária, Poeta,
como um mistério obscuro e rútilo, continha?

Era, acaso, a visão celeste, linha a linha,
renascendo, através da tua insônia inquieta
ou, dos tempos ferindo a inércia hostil, a seta
infernai que num arco, a tua mão sustinha?

Mas, do inferno ou do céu, que importa? É bela: e é tudo!
É bela a voz ignota à boca fugitiva
que, alto, sinistro e eterno, o Azul apavorou!

E é bela a mão febril que, a um gesto lento e mudo
do sonho ainda por vir a rosa rediviva
– tal a de um semeador magnífico – semeou!

5

De Profundis Clamavi

Deste profundo horror, de esplêndida memória,
ouve, Senhor, o brado unânime e maldito
que aos céus, vibrando, sobe! Ouve o sinistro grito
que é toda a angústia humana e toda a humana glória!

Ouve o que diz a boca exangue e merencória,
de amor gemendo! E o lábio ardente do preceito
que em vão interrogou a sombra do infinito!
E o que sorveu, calado, a lágrima ilusória!

Ouve, Deus de Sinai que tens o raio ao seio!
Nós clamamos a ti pelos perdões supremos,
pela suprema paz ao nosso eterno anseio!

E queremos saber por que nos torturamos!
E clamamos a ti do Éden em que sofremos!
E clamamos a ti do Inferno em que gozamos!

6

Sobre o "Cantico delle Creature"

Louvado seja o sol! Louvado seja o vento!
Louvada a sombra! E o fogo! E a luz que dele emana,
louvada! E a gleba escura! E o pasto da savana!
E a água pura que extingue a febre do sedento!

Louvado o ar onde foge o vôo largo e lento
da ave que passa! E a dor que abate afronte humana!
E a noite que adormece a terra e ao céu irmana!
Louvado o ouro da ceifa e o azul do firmamento!

Louvada seja a mão que jura, e a que semeia!
E a árvore humilde! E o mar esplêndido e profundo!
E a alma que fez cantar S. Francisco de Assis!

Louvado o que constrói, sem medo, sobre a areia!
Louvado seja o amor que os seres move e o mundo!
Louvada sejam tu que amas e que sorris!

7

Nox

Tu, Musa, tu, Madona imortal do Universo
que ora exaltas o gênio, ora inspiras o mal,
Noite, que és mãe da insônia e da angústia e do verso
e que és filha, talvez, do meu sonho imortal.

sob o estelar fulgor dos teus olhos disperso,
por que tornas mais triste a solidão nupcial,
fuja em vão, pelo azul, a asa de um leve scherzo
ou ressoe, sinistro, um órgão funeral?

Ah, não dirás jamais, à alma de sol sonora,
de que amargura eterna e misteriosa vem
esse cruel ardor que há de acalmar a aurora?

E de que tálamo divino, pouco a pouco,
desceste para o amor de tanto amante louco,
tu, que és Lady Macbeth e és Ofélia também?

8

D'une beauté effrayante, presque spectrale
Théophile Gautier

Tudo que faz da carne um mistério inquietante,
languescências, brancor de túmulos ao luar,
marfins de rosa murcha, inerte e singular,
tudo o seu corpo tem, de abandonada amante.

Nimba-lhe a fronte o horror. Quando emudece, o olhar
mostra a antiga tortura eterna e alucinante,

porque os seus olhos são dois tercetos de Dante
que Gustavo Doré deixou por ilustrar!

Do gesto vão, jamais, de arremesso ou de assomo,
fez o esforço brutal que dá glória ao perigo;
atrai assim, contudo, a alma do sonhador,

magnífica, fatal e funerária como
hirta e nua, ao entrar de um cenotáfio antigo,
uma estátua da morte, um mármore de dor!

9

Misterium

Nua, mas da espectral nudez de uma Sibila
como um silêncio o olhar, o gesto vago, o passo
lento, sob o esplendor que à tua frente oscila,
vens de que estranho céu, de que longínquo espaço?

Interrogou-te em vão o lábio frio e lasso:
"Quem és? De onde vens tu? Que Deus cruel te exila?
Nós queremos ouvir a tua voz tranqüila!
Faze menos pesado este mortal cansaço!

És como a aparição de algum festim risonho
ou como a Noite azul que, em suas mãos de treva,
traz a rosa sinistra e pálida do sonho?"

– Nada dirás, porém, à dor que nos eleva...
Serás, talvez, o amor e o mal que em si resume:
Onfale, Salomé, Desdêmona, Ulalume?

PARTE 3

1

Dentro da noite, misteriosamente,
que estranha voz pelos jardins perpassa,
como um murmúrio, um segredo dolente?
E ao coração da noite se entrelaça?

Que estranha voz pelos jardins perpassa,
como a sombra de alguém que, além, fugisse?

E ao coração da noite se entrelaça,
a recordar o adeus que eu te não disse?

Como a sombra de alguém que, além fugisse,
ouço essa estranha voz que me adolora,
a recordar o adeus que eu te não disse,
sob o esplendor da derradeira aurora.

Ouço essa estranha voz que me adolora,
como se, ainda outra vez, pálido e mudo,
sob o esplendor da derradeira aurora,
mas sem nada lembrar, lembrasse tudo.

Como se, ainda outra vez, pálido e mudo,
nostálgico, o teu nome segredando,
mas sem nada lembrar, lembrasse tudo,
pela noite sonâmbulo, sonhando!

Nostálgico, o teu nome segredando,
Ouve-o de novo o meu amor inquieto,
pela noite sonâmbulo, sonhando. . .
Sinto o travor da lágrima secreto.

Ouve-o de novo o meu amor inquieto,
como o verso de um canto esquecido.
Sinto o travor da lágrima secreto.
Volto, sofrendo, ao meu jardim perdido.

Como o verso de um canto esquecido,
por que tomaste a minha boca ansiosa?
Volto, sofrendo, ao meu jardim perdido.
Oh, sensitiva angústia dolorosa!

Por que tomaste a minha boca ansiosa,
sombra de outrora que o passado acorda?
Oh, sensitiva angústia dolorosa
por todo o mal que esta paixão recorda!

Sombra de outrora que o passado acorda
e ao coração da noite se entrelaça,
por todo o mal que esta paixão recorda,
que estranha voz pelos jardins perpassa

e ao coração da noite se entrelaça?
Como um murmúrio, um segredar dolente,
que estranha voz pelos jardins perpassa,
dentro da noite, misteriosamente?

2

Um piano
faz sofrer a noite lenta.

Que estranha melodia,
de doloroso desengano,
vem pungir a minha alma sonolenta,
pelo doce amargor nostálgico desta hora?

Dorme ao fim de que rua a tua casa triste
onde a sombra que desce, agora, existe
como um olvido, sob o azul da noite fria?

– Será Chopin ou serás tu quem chora?

3

Hoje, noite de outubro, à hora em que a lua desce
para o lado de céu que, além, empalidece,
fala-me a evocação e sinto-me contigo.
Outubro, o mês de Poe, como um perfume antigo
faz voltar à memória a sombra do passado,
traz ao meu sonho insone, ao meu olhar cansado,
uma recordação secreta e pungitiva.

Inclina sobre um livro a fronte pensativa.
Quero esquecer contigo a noite e a solidude!
Vem tornar menos triste a mórbida inquietude
que o coração tortura e tudo, em torno, assombra!
Deixa que junto a mim repouse a tua sombra;
que a lâmpada esmaeça ao teu olhar silente
e febril, pelo ardor da sua luz dolente;
e que, sobre esta mesa, entre os meus versos, desça
todo o seu doce brilho: e fulja e resplandeça
como o lunar clarão que o azul da noite encanta!

Longe, uma voz dorida e solitária canta.

Que alma de abandonada o seu mortal delírio,
o seu grito de amor, em prece, como um lírio,
ergue à noite de outubro e à solidão do espaço?
Imagino que vens, serena, passo a passo,
alta e pálida, às mãos o sonho em flor suspenso,
como uma aparição de alegoria. Penso

que virás a surgir da madrugada, ao lento
morrer da noite, quando, inerte e sonolento,
sentir que sobre mim, como de uma ave obscura
que sobre a morte voa e as tenebras procura,
tombar, sombria e enorme, a asa espectral do sono.
Olho a noite. Parou todo rumor absono.
Silêncio. Longe, a voz, a doce voz chorando,
calou-se.

Por quem pede este cipreste, orando
ao fundo do jardim?

Não tardarás. Sorrindo,
ouvirei o teu passo: e quando, a porta abrindo,
surgires, estarei tranqüilo e taciturno.

Lerás então, sobre o meu ombro, este Noturno.

4

Doce, a agonia noturnal velando,
sob o fulgor do teu olhar divino,
ouço, longínquo, um trêmulo violino
uma antiga saudade soluçando.

- Sob o fulgor do teu olhar -, em sonho,
que tu distante estás. . . Sempre distante,
longe do meu desejo alucinante,
do extremo ardor do meu olhar tristonho!

E penso em ti que vejo dolorida,
que, vaga imagem, sombra vaga, abraço!
Sonho. . . E, contigo, solitário, passo
mais uma noite inútil para a vida.

5

Solitude, abandono.

Dir-se-ia a terra um claustro misterioso.
Há uma névoa lilás que torna estranho o encanto
dos vagos longes ermos.

Leopardi e o seu desejo doloroso
incitam ao sortilégio quebranto
do grande sono. . .

Melancolia.

Surdos sussurros de agonia.
Outono!

Por trás das grades os jardins, sonhando,
são como enfermos
que olham a tarde fugidia.
Queimando
incensos de ouro, o ocaso em chamas arde.

Mas, grave e calma,
severa e triste,
toda estrelada, a noite desce
sobre o silêncio do que existe,
sobre a saudade da tua alma,
sobre o segredo do Destino.

Dentro da bruma fria,
lento, longínquo, angelusando, um sino
move o lenço de sons do último adeus à tarde.

– Sentes? É quando fulgura a luz sem febre, empalidece
como uma chama
e se consome;
quando
frases de Schumann correm
pela sombra sonora
e tudo que ama, que recorda e chora
sobe, na asa das lágrimas, cantando,
para o silêncio azul do azul divino;
quando
vem fechar o meu lábio e o beijo do teu nome
e os jardins morrem
delirando!

6

Na solidão do parque abandonado,
chora, abraçado às árvores, o vento.
Ouve-se da água o trêmulo lamento
sobre as conchas de mármore gelado.

Sobe, lúcida, a lua. Solitário,
foge smorzando, sob o azul sereno,
como um grito de amor, o último treno
do último e doloroso stradivário.

– "Oh, dá-me o teu desejo! Sob o vasto,
noturno encanto, dá-me o teu desejo!
Quero a tua alma que, entre os lírios, vejo
Como outro lírio, luminoso e casto!

Por que te afastas sempre do meu passo?
Sou o mudo exilado do teu seio...
Não sentirás jamais o meu anseio?
Levam-me o Amor e a Morte, pelo braço."

Que estranha insônia acorda o mal pressago,
vem despertar o antigo pesadelo?
Pudesse a lua, ao menos, compreendê-lo!
Perde-se, ao longe, o último acorde vago.

Sobre as conchas de mármore, gelado,
não se ouve mais o trêmulo lamento.
Queda-se a lua. Silencia o vento.
Dorme, sombrio, o parque do Passado.

7

Quando os espelhos ficam sós,
pelos salões que resplandecem,
à hora em que os pianos adormecem,
tontos de sons, que estranha voz,

que estranha voz maravilhosa
vem acordar, findo o festim,
das velhas teclas de marfim
sobre a brancura dolorosa,

uma romanza imemorial
que outros amantes já disseram,
pelos beijos que se não deram,
murchos talvez? Que voz mortal,

como um silêncio, docemente
interroga, sobre as psiquês,
todas as rosas dos bouquets
feitos em vão? Que voz ardente

rediz o amor perdido, o amor
que ama o esplendor das causas mortas,
quando andam sombras pelas portas,
mudas, a olhar? Sob o fulgor

que tudo, em torno, transfigura,
ouço de súbito, febril,
um passo trêmulo e sutil
que não caminha, antes murmura.

Ouço o teu passo, Aparição
que, a um gesto vão do meu delírio,
vens da ilusão e do martírio
e do meu próprio coração!

E da saudade e da quimera
e do amor que não olvidou,
porque sofreu, porque sonhou,
porque, ainda agora, sonha e espera;

e ouve, ainda agora, a tua voz,
pelos salões que resplandecem,
à hora em que os pianos adormecem,
quando os espelhos ficam sós!

PARTE IV SONATA SENTIMENTAL

1

Deux spectres ont évoqué le passé.
Verlaine

Ora, pelos salões, calaram-se os violinos.
Sob a dolência em que se afastam os violinos,

fecham-se os lábios que se abriam para o sonho.
Vaga por tudo um fluido etéreo, um tom tristonho

da lua morta. Ei-los sem luzes, finalmente,
os grandes lustres de cristal resplandecente.

E sós, pelos salões onde os sons recordaram,
Schumann e o teu Silêncio, extáticos ficaram;

os espelhos, ladeando a sala escura e enorme,
refletem a tristeza esparsa que não dorme

e, ao fundo dos salões, a alma das cousas mortas,
insone e fantasmal, anda cerrando portas.

2

Como se fosse ainda viva em mim a melodia
do teu nome, deixei que a secreta agonia

de sombra amortalhasse o meu desejo mundo.
E abri certa cortina imensa de veludo

vermelho, que velava um salão olvidado,
onde dançavam ainda as sombras do passado,

ungidas de ouro, sob um halo que se fana,
ao ritmo langue de uma lânguida pavana.

3

Dentre os pares que então dançavam, lentamente
procurei (não em vão!) a tua sombra ardente,

de alvas mãos de rainha e olhos iluminados,
largos, profundos, infantis, martirizados

pelo lilás cilício estranho e doce e brando
das grandes, místicas olheiras, cintilando.

4

Adágio Apassionato

E quis falar-te. E do teu vulto, passo a passo,
como febril, aproximei-me, passo a passo

- "Quero saber da tua boca, Peregrina,
se ainda o meu nome te perturba e te fascina.

Se ainda, através de todo o mal, de todo o encanto,
fui a saudade que consola e seca o pranto.

Se ainda, afinal, a vida (o horto fechado!), a vida
pode ser para nós como um jardim de Armida,

como um desejo de Belkis que o tédio invade
ou como o sonho de uma insone Scheerazade!

Fala: e o passado, grave e mudo, triste e lindo,
entrega as minhas mãos às tuas mãos, sorrindo.

Porque ainda te amo agora e, ao fim de tudo, embora!
quero-te mais, talvez, do que te quis outrora!

Quero-te, pelo mal do teu fugaz delírio,
pela tua amargura e pelo teu martírio!

Pelo primeiro engano em que a ilusão perdeste,
por tudo que sofri, por tudo que sofreste!

Pela esperança de uma inútil elegia,
de uma recordação dolente e fugidia!

E foi o meu amor o grande lírio triste
que embalsamou, da sombra, a mão com que o feriste!

E amo-te ainda! E, ao fervor que a ambos nos prostra agora,
quero-te mais, talvez, do que te quis outrora!

5

E, calado, esperei. Olhei-te. Um gesto lento
moveu as tuas mãos: mas, como um pensamento

recíproco, inclinei a fronte. Humildemente,
sorri. Beije-as longamente, docemente...

(E esquecemos, sem nada ver, os outros pares
que nos olhavam, mas com olhos singulares

que são os olhos dos espetros do passado,
das sombras pálidas que voltam do passado

e erram, sob o fulgor do meu olhar tristonho,
pelos grandes salões fantásticos do sonho).

PARTE V

1

Vaga, do fundo de ouro e cinza de uma vaga
paisagem onde a sombra azul da tarde vaga,
onde ajoelha o silêncio e ora a melancolia,
tendo às mãos de madona um lírio de agonia,
por que me apareceste, entre os ciprestes? Grave
e doce, a tarde, além, morria como uma ave,
como um verso de amor que apenas se murmura;
um desejo de morto, uma dolência obscura,
um tremor de paixão palpitava por tudo:
dir-se-ia que a tristeza, em torno, era um veludo
feito para vestir de sombra a alma sofrente.

Vinhas, como Beatriz do grande Poema ardente,
dos tercetos de bronze e das rimas de sangue;
mas era ainda mais branca a tua forma exangue,
mais celestial a fronte e o olhar mais pensativo...

Uma harmonia de harpa, um hino fugitivo
parecia ritmar-te a música do passo
severo, vagaroso e brando, quase lasso.
Verdes eternamente, as folhas de loureiro
falavam sobre a glória eterna; e um derradeiro
raio de sol fazia outonal o caminho
onde arrastavas a dalmática de linho,
lentamente, como uma enorme folha morta...

Por que tardou a noite, a grande noite absorta,
a unir-se ao pálido esplendor da tua imagem
maravilhosa? Por que a dor dessa paisagem
melancólica e linda, ao fundo do passado,
não lançaste à água azul da noite o teu diadema.

E tu - dize! - por que, pelo amor olvidado,
pela recordação entre todas suprema,
não lançaste à água azul da noite o teu diadema,
que teceram as mãos do meu mais belo Poema
com as rosas de sombra e sonho do Passado?

2

Quando, ao primeiro engano do passado,
calei, sorrindo, o último adeus cruel,
mal refleti que o teu perfil amado,
como sonhara Dante-Gabriel
Rosseti, sob o encanto de um vergel
divino, ao meu olhar retornaria!
Ora, ao jardim desta melancolia,
vens, de novo, colher a eterna flor.
Nada me dás, porém, de igual valia:
e do que é teu só tenho o meu amor.

Guardei, sereno, o coração armado,
contra a tua lembrança, de um laudel.
Vaidade! Vi-o, em breve, ensangüentado
como o daquele antigo menestrel
que uma rainha (a quem, por um rondel,
falara em vão do doce mal) feria...
Velas, agora, a lânguida agonia
dessa olvidada e solitária dor.
Dei-te o meu sangue que por ti fulgia.
E do que é teu só tenho o meu amor!

Ouviste, assim, o canto apaixonado,
sobre o alaúde místico e fiel
que emudecera, um dia, abandonado
das tuas mãos de que se exila o anel,
mas que voltou, sob o estelar dossel
da merencória noite fugidia,
que voltou a cantar, como devia,
sem lágrimas, sem queixa e sem rancor.
Dei-te a minha alma que por ti sofria.
E do que é teu só tenho o meu amor!

ENVOI

Dona do meu Desejo, estranha e fria,
não é minha, talvez, essa alegria
que te Veste de um mágico esplendor?
Nimba-te a minha auréola que irradia.
E do que é teu só tenho o meu amor!

3

Por que, depois de tanto ardor, de tanto sonho,

depois de tanta solidão,
fazes com que se vale o meu olhar tristonho,
cheio de angústia e de paixão?

Por que buscas, de novo, entristecer-me a face,
como se nada houvesse em mim
que esperasse por ti, que só por ti sonhasse
e que por ti sofresse, enfim?

Sou, por acaso, o insone exilado da sorte,
o doloroso desertor
da alegria, o valete amoroso da morte,
o enfermo exânime do amor?

Ou és tu por acaso, a insensível Sibila
que, em vão, o peregrino exul
interrogou, à sombra esplêndida, que oscila,
de um mistério feito de azul?

Seremos sempre assim? Que sombrio ditame,
sobre a minha alma ainda fiel,
ordena que eu te queira e te procure e te ame,
a ti que és pálida e cruel?

Obriga-me a sorrir quando o teu gesto frio,
súbito, gela a minha voz?
Dá-me o desejo de morrer quando sorrio
e a noite desce sobre nós?

Quero-te assim, porém! É justo o meu tormento.
Faze-me sempre, assim sofrer!
E eu morrerei por ti, sorrindo ao sofrimento,
se um dia, enfim, o amor morrer!

4

Uma carta de amor fala melhor que um lábio.
Depois, não pode ter a sombra de ressábio
Foge o ressentimento e cada frase é lenta
como um gesto que, mal pousando, as asas tenta,
como um gesto à distância; adeus sem lenços, feito
Uma carta, afinal, pode apertar-se ao peito!
Põe esta, que te escrevo, à tua cabeceira.
Desde que te amo, que te quero, se a primeira
não é, não por certo a última que te envio.
Beija-a, aquece-a, que o inverno anda lá fora e o frio

gela! Cada palavra é como um beijo e treme.
Sonambulando, o vento assusta as rosas. Geme,
lá fora, a alma dos velhos parques, soluçando.
Penso que, a esta hora, estás sorrindo e estás sonhando.
Sonha também, a um canto, o piano abandonado.
Vaga sobre o marfim dolente do teclado
onde um murmúrio de saudade se quebranta,
como a recordação das tuas mãos de Santa,
das tuas doces mãos que de um adeus divino
lembram ainda o longínquo aceno peregrino,
conservam ainda o encanto adolorado e doce!
Lê, sem vaidade o que aqui lêes como se fosse
outra criatura a quem, distante e triste, escrevo.
Guarda esta carta, após, como se guarda um trevo
dentro de um livro, mas de um livro doce e triste
como o meu coração, como ainda não existe,
como um dia o farei, enfermo de alma e de arte,
um livro trêmulo e lilás, só por louvar-te,
sem outra idéia de beleza além da tua.
Guarda-o contigo! Névoa trêmula de lua,
enquanto escrevo, uma secreta claridade
invade a minha alcova. Oh! lúcida saudade!
Sobre o meu coração ao seu mortal reclamo!
Desejos de falar-te e de dizer que te amo!
Que te quero! Desmaia a noite erma e dolente.
Que te quero, mas loucamente, loucamente!
Não tarda a alva a nascer. Da minha dor obscura
tu nada sabes! Sabe-o, apenas, a tortura
do meu calado coração que ria outrora.
Falo-te agora, enfim, deste tormento antigo.
Que frio! Vais sabê-lo. . .

(ou talvez não! Se, agora
como sempre e apesar do que imagino e digo,
inútil, esta carta há de ficar comigo!)

5

Interiores à luz das lâmpadas! De quando
em quando, apraz-me contemplar-vos, caminhando.
Janelas, ao anoitecer, iluminadas!
Olho-vos com inveja, ao longo das calçadas,
quando agoniza o outono e quando, lento, o frio
faz do desejo um doce e mórbido arrepio!

Olho-vos longamente e, às vezes, paro e sonho.

Por trás daquele store anda um perfil risonho,
noiva alegre que espera o alegre enamorado.
Paixões que vão gemer, morrer sobre um teclado!
Início de serões! Insônias vãs de estudo!
Olhares espetrais, de um sofrimento mudo,
por trás dos vidros, melancólicos, sorrindo!
(Oh, o gesto que fez sofrer o meu desejo,
o doce adeus das tuas mãos, como um arpejo
solto, como um acorde interrompido e vago!
Ou como, sobre a turva inquietação de um lago,
um silêncio de lua! Inútil nostalgia!
Se eu pudesse beijar as tuas mãos!)

Sombria,
lá fora, a noite punge os desgraçados. Quanto
desespero! Há, por tudo, uma coral de pranto!
Noites de inverno!

Vou dizer-te o meu segredo...
(Por que enluvaste as tuas mãos?)

Falo-te a medo.
Baixo, ante o teu olhar, o meu olhar absorto.
Sou como um doce irmão que tu julgaste morto.

6

Sinto-me ao pé de ti como se, acaso, fosse
um esquecido irmão que o gesto alegre e doce
das tuas mãos arranca ao seu longínquo exílio.

Quebra, de quando em quando, o sensitivo idílio
uma frase que a voz começa e logo cala.
Que silêncio, com todo este rumor da sala!
Sinto o teu grande olhar que, sobre mim pousado,
narra o que me não diz o teu lábio calado,
o que o teu doce coração guarda consigo,
o silêncio que foi o meu amor antigo,
a minha angústia, o meu passado, o meu delírio!

Fiquem as tuas mãos à flor do meu martírio,
como dois votos de doçura e de brancura,
sobre a minha ilusão, sobre a minha loucura!
(Oh, o gesto que fez sofrer o meu desejo,
o doce adeus das tuas mãos, como um arpejo
solto, como um acorde interrompido e vago!
Ou como, sobre a turva inquietação de um lago,
um silêncio de lua! Inútil nostalgia!
Se eu pudesse beijar as tuas mãos!)

Sombria,
lá fora, a noite punge os desgraçados. Quanto
desespero! Há, por tudo, um concerto de pranto!
Noites de inverno!

Vou dizer-te o meu segredo...
(Por que enluvaste as tuas mãos?)

Falo-te a medo.
Baixo, ante o teu olhar, o meu olhar absorto.
Sou como um doce irmão que tu julgaste morto.

7

Sobre ti que sorris, a sombra, às vezes, desce
um melancólico disfarce:
quando te sinto assim, perdido o olhar, parece
que as tuas mãos vão desfolhar-se!

Desfolhar-se, ao abrir o livro ainda fechado
que há de contar a hora nupcial
do teu beijo supremo e, a um gesto do Passado,
todo o meu sonho passional.

Vão desfolhar-se como essas rosas de outono,
de alva, esquisita morbidez,
pelo ângelus que halo a tarde do abandono
de uma agonia de beleza;

Como essas rosas, de um indizível encanto,
de um doloroso, humano ardor,
trêmulas de desejo e a desmaiar de pranto,
que a noite faz morrer de amor!

8

Pelo azul matinal, com rosas de ouro, suave,
fúlgida abside azul, domo que um hino leve
faz palpitar de sons indizíveis e calmos;
pelo azul da manhã, claro, vernal, festivo,
ouve os sinos da Páscoa: há ritmos de asas de ave,
frágeis vôos de luz, telas de estolas, neve
de véus, ondulações de palmas e de salmos,
brilhos alvos do olhar de um anjo pensativo,
pelo azul matinal, com rosas de ouro, suave.

Da terra abrindo em flor, maravilhosa e calma,

sobem mãos a rezar pelas almas sem nome,
pelas almas sem sol que um sonho vão tortura.
Oh tu que engrinaldaste a frente ao meu martírio,
quando a palma futura à insônia da minha alma,
da minha alma que a noite implacável consome,
trarás, colhida à paz de sombra e de brancura
da terra onde delira a exaltação de um lírio,
da terra abrindo em flor, maravilhosa e calma?

Pelo azul matinal da páscoa do Passado,
tornam ainda a cantar da infância os sinos de ouro:
– Glória in excelsis! Glória a todo o poeta obscuro!
Glória a toda a tristeza e a toda dor sonora!
Glória ao desejo morto e ao sonho mal sonhado!
Glória! - Fuja a tua alma à flor de um sonho louro
para, através de um céu divinamente puro,
ouvir a ingênua voz dos meus sinos de outrora,
pelo azul matinal da páscoa do Passado!

9

Primeiros frios! Doce, indizível encanto!
Crepúsculos de outono! Um mórbido quebranto
magnetiza, adormece a alma que se intimida.

Dir-se-ia que, hoje, a morte andou beijando a vida!
Dir-se-ia que, através das árvores, soluçam
órgãos. Ou que, sobre roseiras, se debruçam
monjas, de um verde olhar nostálgico. Dir-se-ia
que o amor é sonho, febre, ardor, melancolia,
silêncio, desespero! E a tarde é como um sono
divino que, a um torpor de mágico abandono,
sobre os jardins estende o seu delírio vago.
Sente-se como um vôo à flor de um grande lago.
E a serena amargura é maior e mais doce
quando a noite, sombria e azul como se fosse
acaso inverno, gela o seu fulgor sereno.
Penso que há pelo espaço um longo adeus, o aceno
de um lenço, o último abraço, o olhar ainda sorrindo
de alguém que parte, um choro imenso: e tudo é findo!

Oh, a tristeza inexprimível e secreta
e solitária, mas que eu amo e que me inquieta.
desta agonia esparsa! E os bruscos arrepios!
– Les sanglots longs ... – E o teu olhar! Primeiros frios!
E as folhas mortas do Passado! E alguém que chora,

como perdido! E a alma que em vão te quer, agora!
E o teu amor que lembra um pouco o desconforto
deste outonal langor! Sigo, enervado e absorto,
sem rumo, sob a noite. E penso em ti, sofrendo!

De rua em rua, vão-se as luzes acendendo.
Fulvo esplendor! Sorrindo o luxo, que desperta,
voa para o prazer. Busco a mudez deserta
de um passeio.

E o teu nome aos lábios, passo a passo,
imagino que vais comigo, pelo braço.

10

Do meu leito de enfermo, às vezes, imagino
que ouves, a te chamar, enfim, o meu destino
solitário. Tu vens, como sorrindo a um sonho.
Inclinas sobre mim o teu perfil risonho:
falas e a tua voz, como um sussurro, a medo,
feito para a carícia ardente do segredo,
enlaça o meu tormento. Ouço-te, palpitante.
Dizes cousas de irmã que fosse, a um tempo, amante.
Falas e já não sofro. E, pela alcova triste,
somente a tua voz, como um silêncio, existe.
Vai-se o ocaso. Não tarda a noite escura e enorme.
Que sono, meu amor!
E ouço-te: - "Dorme! Dorme!"

11

Se a noite de Natal, serena e pura,
tem o esplendor sagrado de um altar,
por que, hoje, o céu, de uma tristeza obscura,
quase estrelas não tem e a luz do luar
vela através da névoa? Que tortura
fere, hoje, a vida de uma antiga dor?
Que mal fez, hoje, o amor ao meu destino,
que apenas sofro ao recordar o amor?
Qualquer causa de vago e de divino,
de amargo e triste, sobre mim desceu.
Ouço, como ao rumor de um desatino,
falar-me a voz que sonha ao lábio teu,
falar-me a doce voz de estranho encanto
que mais ninguém possui: a doce voz

que tem, agora, uma expressão de canto,
uma expressão quase infantil após
e tem, por vezes, a expressão do pranto.
Ouço-te a voz, busco-te em vão. Sorri,
folga a meu lado a multidão passando,
mas eu, que sofro, lembro-me de ti
e pela turba sigo, delirando.
- Tu, que farás a esta hora? - Longe assim,
dói-me a tua lembrança como quando,
frio, se afasta o teu olhar de mim!
Negra, a sombra amortalha a tua casa.
Ninguém. Lá dentro, apenas a ilusão
de que o teu leito, que a vigília abrasa,
não te sente bater o coração.
Vaga, entretanto, como voa uma asa,
pela noite que finda, erma e sutil,
uma saudade, uma saudade triste
que se parece com o teu perfil.
Vou pela noite; e lembro-me. Sorriste
acaso ou não? Ou, deste mesmo mal
sofrendo, a mesma solidão sentiste?

Foi, com certeza, alegre o teu Natal.
E o meu Natal foi, afinal, bem triste!

12

Queres saber do martírio
que o coração me atormenta?
- Um vago, um doce delírio,
uma febre estranha e lenta,

como um rainúnculo, abrindo.
E a sede é tanta! Que pena!
Sofre: mas eis que, sorrindo,
falas. . . E a febre serena.

Aquece-se a alcova fria.
E, ouvindo-te, o abandonado
sente voltar-lhe a alegria
que encheu de sol o passado.

E assim, de lágrimas ermo,
sorrindo e calmo, parece
um pobre pequeno enfermo
que a tua voz adormece!

13

Vem a noite. E, com ela, o silêncio e a saudade
que veste o coração de cinza e de lilás,
sobre a minha alma abrindo a ardente claridade
do sonho que ilumina a ampla e sidérea paz!

Sonho do que sofri, pela felicidade,
pela vida e, talvez, pelo esplendor fugaz
da beleza que aureola a tua mocidade
e hoje é, supremo, o dom que o teu amor me faz!

Que insônia de paixões via pela noite a fora!
Saudade! - Foi, contudo, o encanto amargurado:
e nem sempre sorriu alguém ao pé de mim!

Nem sempre! Mas que importa o sofrimento, agora?
Que importa a mágoa toda? E o engano do passado?
Ser feliz, afinal, é ter sofrido assim.

FINAL

Como alguém que colhesse um doloroso lírio
florido à sombra azul de algum jardim claustral,
do meu sonho de amor, a um súbito delírio,
deite-te a aspirar, oh Noite, a grande flor nupcial!

Mal magnífico, insônia extática, martírio,
tudo que a alma sofreu de sobrenatural,
tu, só tu, Noite insone, à luz de um velho círio,
hás de entender, talvez por um mistério ideal!

Noite, que és a Beatriz que inspira e que seduz,
a ti suba o perfume, alucinante e forte,
da flor que, às minhas mãos, esplêndida reluz!

É tua a febre ardente em que me torturei!
Tu me cinges de sombra e a sombra é quase a morte!
Noite divina e triste, a ti tudo que amei!